

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 248p.

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e um máximo de sabor possível. Roland Barthes, Aula (o último parágrafo do texto de sua aula inaugural no colégio de França - Cultrix, São Paulo, 1989).

Faz tempo que todos nós esperávamos de Paulo Freire um livro de memórias. Não porque ele esteja "velho", pois nunca está, mas porque já viveu muito, o que é uma coisa muito diferente. *Pedagogia da Esperança* é o seu livro de lembranças.

É também um livro de esquecimento, no sentido dado por Barthes a esta palavra na epígrafe acima. Porque a seu modo ele vive isso agora, e por isso o seu livro de hoje tem menos citações de ciência militante que o guiou anos atrás em *Pedagogia do Oprimido*, para desejar escrever o saber... com sabedoria. Como quem volta a um lugar de onde nunca saiu.

Quem talvez espere do livro uma "atualização" da *Pedagogia do Oprimido*, não gostará de lê-lo. Pois não se trata de atualizar, mas de ver-se a si mesmo: sua vida, seus caminhos, a raiz das primeiras idéias, as práticas, os companheiros das primeiras experiências, revisitados nos de agora, a amargura do exílio, o aprendizado com o outro, longe e tomado próximo.

Por isso é possível que fique no leitor o sentimento de que o pensamento da educação lhe deve ainda uma definição mais clara sobre seu próprio pensamento hoje, a respeito das idéias e propostas que fizeram de *Pedagogia do Oprimido* um livro quase único em seu tempo e ainda hoje indispensavelmente atual. Tantas e tantas mudanças depois, um livro ainda urgente.

Paulo Freire não escreveu um único livro. Mas se ele voltou à memória de sua própria história de educador e militante político pela reconstrução de sua experiência de educação é porque tanto para ele quanto para todos nós, *Pedagogia da Esperança* é o escrito da unidade de sua obra escrita em *Pedagogia do Oprimido*. Sua tese, os primeiros artigos publicados em Estudos Universitários da Universidade Federal de Pernambuco dos anos de 1960, *A Educação como Prática da Liberdade*, todos os primeiros escritos foram o amadurecimento da gestação de *Pedagogia do Oprimido*. Da mesma maneira como tudo o que ele escreveu depois ou deixou publicar de participações em encontros e entrevistas, é o seu comentário, às vezes como um esforço de pensar a *Pedagogia do Oprimido* em um novo contexto definido, como o das nações libertadas do domínio português na África; às vezes como o trabalho de precisar suas idéias e repensá-las para sujeitos e situações muito concretas, aqui mesmo no Brasil.

Sem uma repartição muito formal, *Pedagogia da Esperança* está dividida em três tempos da memória em torno da experiência do antes, durante e depois de *Pedagogia do Oprimido*. No primeiro ele reconta, a começar do Recife, os tempos iniciais quando, com algumas práticas novas e arrojadas, foram sendo gerados os princípios teóricos de uma filosofia da participação consciente na construção da história e os de uma pedagogia destinada a partilhar, com o sujeito popular oprimido, a experiência da descoberta de si mesmo como o sujeito-agente de tal história revolucionariamente "tomada nas mãos".

No segundo momento, Paulo Freire retoma a lembrança da *Pedagogia do Oprimido* e ele "se pensa" e ao seu tempo pelo que então começou a acontecer. Apresenta seu ponto de vista a respeito de algumas críticas feitas ao livro e ao tipo de educação que propunha.

No terceiro momento ele reconta — meio confessante, meio advogado de si mesmo — uma série de episódios vividos em vários países das Américas, da África, da Europa e até mesmo da Oceânia.

Ao aceitar passar do oprimido à esperança entre um livro e outro, Paulo Freire quer convencer-se e ao leitor de que não é assim. Resta aceitar os seus próprios termos fundados sempre sobre a idéia do diálogo. Resta viajar com ele, comprometendo a crítica de sua própria memória junto ou contra a dele e decidir por si mesmo se o novo livro sobre o antigo vale apenas como um desabafo da memória, à falta de novas idéias, ou se ele vale como uma bem realizada reconstrução de idéias, por meio de uma esperançosa leitura de si mesmo, afinal tornada pública e posta diante de todos nós.

Carlos Rodrigues Brandão
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)